

A Covid-19 no Brasil e as Várias Faces da Pandemia apresentação

Gustavo Corrêa Matta
Sergio Rego
Ester Paiva Souto
Jean Segata

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., and SEGATA, J., eds. A Covid-19 no Brasil e as Várias Faces da Pandemia: apresentação. In: *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia* [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, pp. 15-24. Informação para ação na Covid-19 series. ISBN: 978-65-5708-032-0.

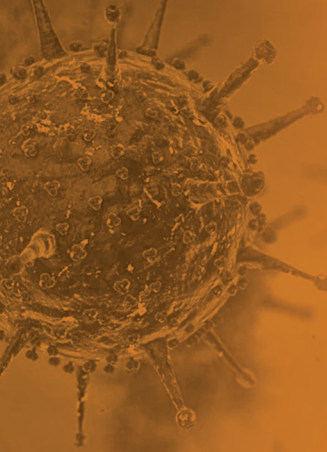
<https://doi.org/10.7476/9786557080320.0001>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



A Covid-19 no Brasil e as Várias Faces da Pandemia

apresentação

Gustavo Corrêa Matta, Ester Paiva Souto, Sergio Rego e Jean Segata

Pandemia é um termo que designa uma tendência epidemiológica. Indica que muitos surtos estão acontecendo ao mesmo tempo e espalhados por toda parte. Mas tais surtos não são iguais. Cada um deles pode ter intensidades, qualidades e formas de agravo muito distintas e estabelece relações com as condições socioeconômicas, culturais, ambientais, coletivas ou mesmo individuais. Uma pandemia pode até mesmo se tornar evento em escala global. É o caso da Covid-19. Levou menos de três meses para que, no início de 2020, mais de 210 países e territórios confirmassem contaminações com o novo coronavírus, casos da doença e mortes. A escala global, no entanto, não significa que se trate de um fenômeno universal e homogêneo. É possível estabelecer padrões, identificar seu patógeno, compreender a sua mecânica biológica e sua transmissibilidade. Mas um vírus sozinho não faz pandemia, tampouco explica o processo saúde e doença presente em diferentes contextos.

Carrara (2020), expõe de forma clara e analítica a redução que transformou a pandemia de Covid-19 em um evento individualizante:

... as ciências humanas e sociais brasileiras têm desenvolvido com relativo sucesso a crítica sistemática de uma cosmovisão individualista, ainda bastante presente em certas formulações da Saúde Pública, e em cujos termos não existem “configurações sociais”, mas “populações”, compostas por indivíduos intercambiáveis e separáveis apenas em quatro grandes categorias: “susceptíveis”, “infectados”, “sobreviventes” e “mortos”.

A crítica à concepção universalista sobre os sujeitos sociais, o espaço e o movimento considera a necessidade de estabelecer relações com outros marcadores sociais, como raça, gênero, classe social, sexualidade, territórios e dinâmica social e econômica. Ou seja, analisar e intervir sobre os fenômenos decorrentes da circulação e transmissão

do Sars-CoV-2 não se resume a identificar o vírus, compreender sua disseminação e controlá-lo. A colocação em cena da Covid-19 em diferentes contextos, espaços e linguagens, especialmente em situações de extrema desigualdade socio sanitária, expõe a multiplicidade e especificidade do fenômeno pandêmico desde sua dimensão macrosocial até a capilaridade micropolítica nas formas e estratégias de produção do cotidiano.

Diferentes experiências nacionais e internacionais relacionadas à pandemia que se valem de diversas lentes e fazem diferentes usos das ciências sociais e humanidades podem ser identificadas, tais como:

1. A iniciativa da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) em seu blogue e posterior publicação do livro *Cientistas Sociais e o Coronavírus* (Grossi & Toniol, 2020);
2. O boletim do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, *Sociologia na Pandemia*, com a publicação de artigos nos quais se abordam diferentes aspectos da epidemia na vida social brasileira (Sociologia UFSCar, 2020);
3. A criação do Observatório Social do Coronavírus – Pensar a Pandemia, do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (Clacso, 2020);
4. Covid-19 and Social Sciences do Social Sciences Research Council, dos EUA (SSRC, 2020);
5. A iniciativa da União Europeia Sonar-Global, que, coordenada pelo Instituto Pasteur, visa a mobilizar cientistas sociais para responder à Covid-19 e a outras ameaças epidêmicas (Sonar Global, 2020);
6. A criação na Organização Mundial da Saúde (OMS) do *Covid-19 Research Roadmap Recovery* (WHO, 2020), que reúne cientistas sociais dos cinco continentes para publicação de notas técnicas, artigos científicos e material sobre treinamentos, monitoramento de vulnerabilidades sociais e criação de instrumentos qualitativos rápidos, entre outros.

Diferentes perspectivas e usos das ciências sociais são identificados nessas iniciativas, representando trajetórias históricas e epistemológicas diversas, desde abordagens funcionalistas e instrumentais das ciências sociais até estratégias fundadas na etnografia e análises críticas baseadas na biopolítica e em estudos sobre a ciência.

Neste *instant book* os diferentes autores buscam pistas que ofereçam ao leitor a possibilidade de compreender, com base nas ciências sociais e humanidades, muitas das condições enredadas no fenômeno infeccioso que fazem com que a doença tenha repercussões diferentes nos distintos contextos e grupos sociais. Se pensarmos em

uma imagem alegórica podemos contrapor a ideia, muitas vezes difundida em meios de comunicação social, de que “estamos todos no mesmo barco”, à percepção mais realista de que estamos, na verdade, no mesmo mar revolto, mas os barcos em que cada um está são muito diferentes: alguns são iates preparados para o mar revolto, outros são simples canoas, e há indivíduos não estão em qualquer tipo de barco, mas à deriva e solitários no mar hostil.

Os desafios postos em relevo pela pandemia não são apenas sanitários. São socioeconômicos, políticos, culturais, éticos, científicos, sobremaneira agravados pelas desigualdades estruturais e iniquidades entre países, regiões e populações. À luz do conceito de sindemia elaborado por Singer e colaboradores (2017), da perspectiva latino-americana sobre a determinação social do processo saúde-enfermidade e da crítica da saúde coletiva brasileira ao universalismo biomédico, o que está em cena é a necessidade de pensar a catástrofe humanitária instalada pela pandemia e a complexidade das respostas que ela demanda de forma situada, orgânica e participativa.

Esta coletânea é uma iniciativa do Observatório Covid-19 da Fiocruz e contou com a colaboração da Rede Covid-19 Humanidades MCTI, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). As pesquisas que resultaram neste volume se desenvolvem simultaneamente no conjunto da cooperação entre redes de pesquisa para responder ao desafio de analisar e enfrentar pandemia de Covid-19 no Brasil.

O Observatório Covid-19 da Fiocruz foi criado em abril de 2020 com o objetivo de desenvolver análises integradas, tecnologias, propostas e soluções para a pandemia por Covid-19 pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e pela sociedade brasileira. Foi estruturado de modo colaborativo, permitindo que as iniciativas e os trabalhos já desenvolvidos nos diversos laboratórios, grupos de pesquisas e setores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no âmbito de suas competências e expertises, desenvolvam suas atividades de forma ágil, em redes de cooperações internas e externas, para a produção e divulgação de materiais de mobilização para fazer frente à pandemia. Sua dinâmica de trabalho envolve a produção de informações, *dashboards*, análises, desenvolvimento de tecnologias e propostas.

O Observatório Covid-19 da Fiocruz encontra-se organizado em quatro grandes eixos:

1. Cenários Epidemiológicos;
2. Medidas de Controle e Organização dos Serviços e Sistemas de Saúde;
3. Qualidade do Cuidado, Segurança do Paciente e Saúde do Trabalhador;
4. Impactos Sociais da Pandemia.

Este livro é o resultado das atividades e produtos gerados no eixo Impactos Sociais da Pandemia e seus quatro subgrupos de trabalho: Ética e Bioética; Saúde Indígena; Covid-19 nas Favelas; Gênero e Covid-19. O trabalho intenso realizado por todo o Observatório Covid-19 tem se pautado pela interdisciplinaridade e pela construção de redes de pesquisa com participação social num processo de investigação engajada e voltada para a ação. Ao longo do ano de 2020 foram produzidos boletins quinzenais de acompanhamento e análise da pandemia, notas técnicas, artigos científicos, *webinars* sobre questões e problemas para responder às dinâmicas da pandemia em diferentes momentos, além de peças de comunicação para distintos públicos, entre outros.

A Rede Covid-19 Humanidades MCTI, por sua vez, é coordenada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS e mobiliza pesquisadoras e pesquisadores de diferentes áreas das ciências humanas, sociais e da saúde do Brasil e do exterior. Conta com a parceria da Fiocruz, do Instituto Brasil Plural da Universidade Federal de Santa Catarina, da Universidade de Brasília, da Universidade Estadual de Campinas, da Universidade Federal de Santa Maria, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (Unidavi) e integra o conjunto de ações da Rede Vírus MCTI financiadas pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações para lidar com a pandemia.

A Rede Covid-19 Humanidades MCTI tem produzido pesquisas qualitativas nas quais se analisa o impacto da Covid-19 entre os profissionais da saúde e os grupos vulneráveis em situação de isolamento social. Seu objetivo é subsidiar ações na resposta à pandemia no Brasil, que considerem de modo múltiplo e situado as suas implicações científicas, tecnológicas, sociais, políticas, históricas e culturais.

Os esforços somados na colaboração entre o eixo Impactos Sociais do Observatório Covid-19 da Fiocruz e a Rede Covid-19 Humanidades MCTI colocam em relevo a importância das ciências sociais e das humanidades para responder aos grandes e complexos problemas de saúde das populações. Assim, as ciências sociais e as humanidades têm sido estimuladas a produzir conhecimentos para subsidiar respostas integradas a estudos clínicos e epidemiológicos e mais recentemente, por exemplo, pesquisas em torno da governança em processos de vacinação em países como o Brasil. Além disso, são incentivadas a colaborar com a organização de ações de saúde na preparação, resposta e repercussões das emergências em saúde pública, como no caso das recentes epidemias de ebola, zika, e agora durante a pandemia de Covid-19. Essa indução se mostra ainda mais necessária e urgente quando se analisa a ocorrência de emergências e reemergências sanitárias em países de baixa e média rendas como o Brasil, tendo como perspectiva as experiências e análises do chamado Sul Global sobre

as iniquidades locais e globais envolvidas nas relações entre ciência, saúde e sociedade. Esse é, inclusive, um dos objetivos da pesquisa intitulada Humanities and Social Sciences Centre on Global Health and Inequities, financiada pela Wellcome Trust do Reino Unido, que apoiou muitos dos trabalhos presentes nesta publicação.

Respondendo à necessidade de gerar conhecimento e análise sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil, nesta coletânea temos o objetivo de fornecer um instantâneo, uma imagem, mesmo que parcial e em curso, dos principais desafios que se apresentaram no ano de 2020 e auxiliar nas estratégias de enfrentamentos que se delineiam em 2021. Assim, é importante ter em mente que seus capítulos foram escritos, avaliados e, conforme solicitações dos pareceristas, revisados entre novembro de 2020 e janeiro de 2021, isto é, com a pandemia em curso.

Os temas dos capítulos que compõem o volume foram definidos com base nas pesquisas e iniciativas em andamento, desenvolvidas por pesquisadores do campo das ciências sociais e humanidades em saúde em resposta aos desafios da Covid-19, tendo em vista que uma compreensão meramente biomédica e epidemiológica da pandemia pressupõe uma episteme universalista sobre os contextos, sujeitos, populações e territórios que performam a pandemia em sua multiplicidade e complexidade. Com esses temas, no entanto, não se pretende abordar a totalidades das questões e desafios colocados pela pandemia, mas evidenciar a riqueza acadêmica da compreensão da crise humanitária colocada pela pandemia em países de imensas desigualdades como o Brasil.

O volume está organizado em três partes complementares, voltadas para a análise e compreensão de como as lições da crise podem servir para construir novas formas de produção de conhecimento, análises sobre os processos de vulnerabilização e respostas institucionais engajadas socialmente.

A Parte I, “Ciências Sociais, as Humanidades e a Pandemia de Covid-19”, traz cinco capítulos nos quais se delineiam algumas contribuições com diferentes olhares das ciências sociais, partindo dos desafios dos impactos e repercussões sociais da pandemia para a pesquisa. Considerando as muitas narrativas possíveis, no primeiro capítulo é traçada a trajetória dos acontecimentos e analisada criticamente a atuação do Brasil na resposta à pandemia. No segundo capítulo, ainda com base em de um delineamento cronológico, levantam-se questões sobre os usos das evidências e narrativas para descrever vulnerabilidades na Covid-19 durante o ano de 2020. No terceiro são trazidos elementos conjuntos de ferramentas e olhares constituídos na pesquisa francesa para a Covid-19 com vistas a um esforço comparativo com o Brasil, como também subsídios para análises internacionais da pandemia no campo das ciências sociais e humanas. No quarto capítulo é apresentado um conjunto de reflexões sobre implicações

éticas relacionadas com vulnerabilidades e saúde pública, em diversas dimensões. Reconhecendo alguns acertos nas respostas à pandemia, destaca-se que muitos dos atores sociais das camadas sociais mais pobres são, na prática, desconsiderados como sujeitos relevantes, como se suas vidas não fossem igualmente dignas e não merecessem, por suas vulnerabilidades, considerações especiais que os coloquem no centro das respostas das políticas públicas. Por fim, em abordagem etnográfica das contaminações com a Covid-19 entre trabalhadores de frigoríficos do sul do Brasil, o último capítulo da primeira parte explora o modo como a agroindústria alimentar molda relações nocivas entre humanos, animais e ambientes, levantando questões sobre a necessidade de um olhar multiespécie para a saúde.

Em face deste quadro grave que vivemos hoje e que possivelmente se estenderá pelos próximos anos, é muito importante pensar nas agendas de pesquisa e intervenção das ciências sociais, diante seja de tendências em curso que a pandemia veio a agravar, seja de novos desafios. Este tópico, somado às questões sobre como a pandemia afetou diversos aspectos da vida das populações vulneráveis, são levantados na Parte II, intitulada “Narrativas sobre Populações Vulnerabilizadas”.

Grupos populacionais vulneráveis por processos de exclusão social merecem especial cuidado, por estarem mais expostos às iniquidades e a uma série de fatores de risco à sua saúde e ao seu desenvolvimento integral. No capítulo 6 são abordadas a saúde mental nesses grupos vulneráveis no contexto da Covid-19 e a atenção psicossocial a eles dedicada. Em particular, enfatiza-se a população em situação de rua, a população privada de liberdade, as pessoas migrantes e as refugiadas. Além do estresse financeiro e das rápidas transformações no dia a dia (incluindo mudança na rotina, restrição às interações face a face e desarticulação das redes de apoio), muitas pessoas foram infectadas e perderam a vida em decorrência da Covid-19. Em conjunto, esses aspectos podem impactar a saúde mental da população brasileira, aumentando o risco de emergência de sinais e sintomas relacionados à ansiedade e à depressão.

No capítulo 7 é ressaltada uma lacuna importante nos registros de dados sobre as repercussões da Covid-19 na vida das pessoas com deficiência, assim como a importância de uma análise na qual o acompanhamento contínuo dos dados relacionados a tais sujeitos acione os marcadores sociais em uma leitura interseccional. É preciso dirigir um olhar crítico para a interação de negligências na construção de conhecimento sobre a saúde das pessoas com deficiência, com destaque para as desigualdades e iniquidades no acesso aos direitos sociais em geral, e pensar a interseccionalidade no campo da deficiência, sobretudo questionando recalcitrantes políticas capacitistas colocadas em relevo no contexto da pandemia.

No capítulo 8 são trazidas análises sociais e epidemiológicas sobre a Covid nas favelas, fruto de reflexões compartilhadas com moradores e articuladores locais. O objetivo é destacar as dinâmicas sociais e suas repercussões nas condições de vida em favelas, no contexto da pandemia, e seus desdobramentos em termos socioepidemiológicos. O avanço da Covid nos espaços de favelas está intrinsecamente vinculado a sua histórica precarização e à manutenção de políticas públicas não efetivas, incapazes de fornecer, no contexto da pandemia, ações de proteção social. Assim, são abordadas as traduções epidemiológicas nos padrões de adoecimento nitidamente desfavoráveis em populações de favelas, em um recorte interseccional de classe, raça, gênero e ocupação, no panorama de morbimortalidade dessa doença – mortalidade, hospitalização, letalidade, entre outros indicadores. Além disso, são apresentadas também algumas análises produzidas pelos próprios sujeitos das favelas em relação a inúmeros problemas agudizados pela pandemia, na maior parte deles de caráter estrutural, bem como a potência das reações, traduzidas em iniciativas concretas de enfrentamento de base local.

Há dois capítulos dedicados às especificidades da progressão da pandemia e seu combate no contexto dos povos indígenas. No capítulo 9 é apresentada a vulnerabilidade desse grupo social a ser priorizado nas ações, assim como dados epidemiológicos sobre o impacto e monitoramento da Covid-19 entre esses povos, e discutido o plano da União para seu enfrentamento nos âmbitos legislativo e judiciário. No capítulo 10, mediante abordagem etnográfica é analisado o protagonismo indígena, com foco nas ações desenvolvidas por povos indígenas no contexto da pandemia da Covid-19 no estado do Mato Grosso do Sul. Nos dois capítulos é evidenciado o consenso de que a pandemia de Covid-19 expôs, amplificou e aprofundou as desigualdades sociais, a precariedade das condições de vida e as iniquidades em saúde vivenciadas pelos povos indígenas.

O capítulo 11 é dedicado aos impactos da pandemia de Covid-19 nas práticas cotidianas e nas inter-relações familiares relatadas por pessoas idosas residentes no sul do Brasil. Num cenário global de ênfase biomédica na compreensão e confrontação da ameaça do coronavírus, o estrato populacional acima de 60 anos foi constituído como “grupo de risco” preferencial da pandemia. Situados em um país profundamente desigual onde as políticas de saúde privilegiam o incentivo moral ao isolamento social e às restrições de circulação exclusivas para esse público, as pessoas idosas se encontram sujeitas a discursividades públicas nas quais o cuidado se transforma em controle. Tais modos de regulação das condutas produzem sensibilidades que acentuam a produção política da velhice como associada a falta de autonomia, incapacidade e dependência, contrariando vertentes contemporâneas que privilegiam os esforços de autoprodução de um envelhecimento ativo, autônomo e independente. Inspiradas nas teorias sobre

cuidado e na relação com as narrativas das pessoas idosas sobre as suas práticas de organização da vida em tempos de pandemia, as autoras consideram importante complexificar a relação entre autonomia e dependência. Além disso, argumentam sobre a relevância de se levar em conta os vínculos relacionais presentes nas variadas formas de estar no mundo dessas pessoas, mostrando sua eficácia na formulação de práticas de gestão dos riscos trazidos à tona pelas suas experiências.

Problemáticas centrais para as análises de gênero que têm afetado o impacto da pandemia e a resposta a seus efeitos no contexto brasileiro são apresentadas no capítulo 12. Estudos que geram dados desagregados sobre como as dimensões de gênero impactam a saúde de forma direta ou indireta são essenciais. A articulação entre categorias como gênero, raça, classe, etnia, idade, deficiências, origem geográfica e orientação sexual auxilia a compreensão do impacto diferenciado entre os sujeitos sociais. Exemplo desse impacto diferenciado está no capítulo 13, no qual se propõe a construção de narrativas sobre como têm sido as repercussões da Covid-19 na vida de três mulheres líderes quilombolas do Vale do Jequitinhonha e se aborda a questão das desigualdades raciais destacando a vulnerabilidade social das mulheres negras e remanescentes de quilombos. A segunda parte do livro é encerrada com um capítulo também dedicado à temática de gênero, no qual se apresentam dados sobre a exacerbação da situação de violência que as mulheres vivenciam durante a pandemia no Brasil. E propostas para que a situação de violência e de feminicídios atual possa ser enfrentada efetivamente.

Pensar na pandemia demanda considerar os diversos contextos em que ela se desenvolve e a forma como as diversas informações circulam. Se por um lado observamos o discurso científico ser incorporado nas conversas quotidianas, por outro a identificação de notícias verdadeiras e informativas tornou-se tarefa difícil.

O fenômeno da velocidade tem se colocado desde o início da pandemia, com a urgência em visibilizar a sua gravidade e em apresentar respostas. Com isso, a comunicação científica ao público foi algumas vezes precipitada. Estudos ainda em avaliação foram divulgados apressadamente, tratamentos ainda não suficientemente testados foram adotados amplamente. A comunicação antecipada gerou divergências e ponderações na comunidade científica, possibilitando que o discurso político se aproveitasse do debate para escolher o discurso conveniente a seus interesses. Na terceira parte da coletânea, “Ciência, Tecnologia e Comunicação”, são descritas algumas respostas à pandemia, identificando atores institucionais, processos de comunicação e importantes iniciativas.

No capítulo 15 são discutidas as principais ações da Fiocruz na articulação entre ciência, saúde e sociedade. A análise nele realizada evidencia a atuação em rede e a

busca de respostas para além das emergências sanitárias, através de ações estruturantes voltadas para o fortalecimento do SUS e das instituições de ciência, tecnologia e inovação em saúde.

No capítulo 16 é detalhado, com exemplos, o papel desempenhado pela Fiocruz no contexto de ações de cooperação social, por meio do Conexão Saúde, projeto de enfrentamento com gestão e coordenação compartilhadas com a sociedade civil.

O volume se encerra com um estudo sobre o modo como sentidos da Covid-19 passaram a ser constituídos pelas mídias, com o jornalismo assumindo o papel de grande anunciador da pandemia como catástrofe, pleiteando retomar seu lugar de protagonista como enunciador confiável dos fatos do mundo, progressivamente tensionado desde o advento da internet.

Se algumas pessoas têm a impressão de que a vida cotidiana ficou em suspenso com tantos planos adiados, outras apenas tentaram sobreviver. E em 2020, em mais de 200 mil casos, isso não foi possível.

Entretanto, a história não tem o destino prescrito. Os desafios colocados pela pandemia de Covid-19 impõem a necessidade de reimaginar as ciências sociais e humanas em perspectiva interdisciplinar e suas possibilidades de ação nos contextos, espaços e dinâmicas de países e populações marcados pelas iniquidades na ciência, na saúde e na proteção social. O mundo pós-pandemia está em disputa e as ciências sociais têm um papel fundamental na redescrição da história da humanidade.

REFERÊNCIAS

CARRARA, S. As ciências humanas e sociais entre múltiplas epidemias. *Physis*, 30(2): e300201, 2020. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312020000200300&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 fev. 2021.

CONSELHO LATINO-AMERICANO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (CLACSO). Pensando na pandemia. Observatório Social do Coronavírus, 2020. Disponível em: <www.clacso.org/pt/pensar-la-pandemia-observatorio-social-del-coronavirus/>. Acesso em: 18 jan. 2021.

GROSSI, M. P. & TONIOL, R. (Orgs.). *Cientistas Sociais e o Coronavírus*. São Paulo, Florianópolis: Anpocs, Tribo da Ilha, 2020.

SINGER, M. *et al.* Syndemics and the biosocial conception of health. *The Lancet*, 389(10.072): 941-950, 2017. Disponível em: <[www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(17\)30003-X/fulltext](http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(17)30003-X/fulltext)>. Acesso em: 18 jan. 2021.

SOCIAL SCIENCE RESEARCH COUNCIL (SSRC). Covid-19 and the Social Sciences, 2020. Disponível em: <<https://covid19research.ssrc.org/>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

SOCIOLOGIA UFSCAR. *Boletim Coletividades – Sociologia na Pandemia*, 2020 Disponível em: <www.ppgs.ufscar.br/boletim-coletividades-sociologia-na-pandemia-2/>. Acesso em: 18 jan. 2021.

SONAR GLOBAL. Sonar-global highlights, 2020. Disponível em: <www.sonar-global.eu/>. Acesso em: 18 jan. 2021.

WORLD HELTH ORGANIZATION (WHO). Covid-19 Social Science Working Group, 2020. Disponível em: <www.who.int/publications/m/item/covid-19-social-science-working-group>. Acesso em: 18 jan. 2021.